O OLHAR DE PROFESSORES SOBRE A AFETIVIDADE E INDISCIPLINA: O CONTEXTO DE UMA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rosana Silistino[1] Mariana Delfino Pereira[2] Gilson Gomes Coelho[3]

[1]Psicoterapeuta, Clínica Instituto Vida, São José do Rio Preto, SP. [2]Psicóloga; São José do Rio Preto, SP. [3]Centro Universitário de Rio Preto – UNIRP, Cursos de Psicologia e Pedagogia, São José do Rio Preto, SP. Email: gilsonpsico@gmail.com

RESUMO

Crianças indisciplinadas, no contexto educacional, vêm sendo ao longo do tempo pesquisadas, o que se justifica pela crescente preocupação psicopedagógica relacionada ao aproveitamento do aluno e sua aprendizagem. Alguns trabalhos publicados buscaram compreender as causas e soluções para a indisciplina, mas poucos analisaram a importância da afetividade implicada em uma resposta indisciplinar. O objetivo deste estudo é estabelecer uma interface entre a afetividade e a indisciplina, a partir do olhar docente e do histórico dos alunos indisciplinados. O trabalho foi desenvolvido com professores, de ambos os sexos, em uma escola pública de São José do Rio Preto, cidade do interior do Estado de São Paulo. Os professores foram escolhidos de forma aleatória e os alunos foram apontados pelos professores como "indisciplinados". O delineamento da pesquisa foi como estudo de campo. A análise qualitativa, por meio de entrevistas abertas, mostrou uma visão muito específica do que significa indisciplina e afetividade. Em sala de aula buscam diferentes estratégias, desde o di*álogo até o gritar e enviar para a direção. A investigação dessa problemática é do interesse de toda a sociedade, e, particularmente para a psicologia, por trazer subsídios psicológicos como ferramentas de pesquisa dessa temática.

Palavras-chave: afetividade; indisciplina escolar; professores; Ensino Médio; escola pública.

THE TEACHERS` VIEW ON AFFECTIVITY AND INDISCIPLINE: THE CONTEXT OF A PUBLIC SCHOOL IN SÃO JOSÉ DO RIO PRETO -SP

ABSTRACT

Undisciplined children in the educational context has been researched over time, which is justified by the growing psychopedagogic concern related to student achievement and their learning. Some published works sought to understand the causes and solutions for indiscipline, however, few have analyzed the importance of affection involved in an indisciplinary response. This study aims to establish an interface between affection and indiscipline, from the teacher´s perspective and from the student´s history. The work will be developed with students and teachers of both sexes, in a public school in São José do Rio Preto, SP. Teachers will be chosen randomly and students will be those indicated by the teachers as "undisciplined." The study design will be as field of study. The qualitative analysis, through open interviews, show that teachers have a very specific vision of what it means indiscipline and affection. Classroom pursue different strategies, from the dialogue to the screaming and send for direction. The investigation of this problem is in the interest of the whole society, and particularly to psychology, to bring psychological benefits as research this theme tools.

Keywords: affectivity, school indiscipline, teachers, high school, public school

INTRODUÇÃO

A questão indisciplinar ainda é considerada um grave problema para o processo educativo/aprendizagem em sala de aula. Santos e Girotti (2013, p. 120) destacam "[...] o quanto se perde tempo com questões de indisciplina, nos levando a refletir e a pensar que o mais importante, em certo sentido, é descobrir onde e como o problema se manifesta, para então,

encontrar soluções e tentar amenizar o quanto antes a situação".

A indisciplina no contexto educacional vem sendo ao longo do tempo pesquisada com diferentes abordagens, t

> professores, especialistas em educação, pais e a comunidade onde estão inseridos (PATIAS; GABRIEL, 2012, p. 5).

sobre a dimensão preventiva (GARCIA, 1999; ALBUQUERQUE, 2011; PEREIRA; BLUM, 2014). O mesmo justifica-se pela crescente preocupação psicopedagógica voltada para melhorar o aproveitamento do aluno e sua aprendizagem. A indisciplina tem sido observada em todas as faixas etárias e considerada um fator que dificulta "o aprender e o ensinar", portanto, tem direcionado estudos sociológicos, históricos e, principalmente, na área psicopedagógica, foco deste trabalho, para ampliar a compreensão e a resolutividade desta temática.

Cassins (2007, p. 17) ressalta também a importância dos aspectos emocionais, cognitivos e sociais que medeiam os processos educativos/aprendizagem "A Psicologia Escolar tem como referência conhecimentos científicos sobre desenvolvimento emocional, cognitivo e social, utilizando-os para compreender os processos e estilos de aprendizagem e direcionar a equipe educativa na busca de um constante aperfeiçoamento do processo ensino/aprendizagem.

O profissional que desenvolve atividades relacionadas a psicologia escolar atua com o objetivo de suprir necessidades advindas de questões específicas do universo escolar. Especificamente, no que tange aos aspectos mais primordiais, mais prioritários, que afetem o todo influenciando os resultados pedagógicos.

> Considera-se atualmente que a psicologia escolar é a especialidade da psicologia que se interessa pelo modo como a educação afeta as crianças em geral, e como se dá a interação do aluno com uma escola específica, do professor com o aluno e com seus pais, do professor com a equipe diretiva. Assim, a psicologia escolar trabalha com pessoas sobre questões pertinentes ao contexto escolar, tais como: dificuldades de aprendizagem ou problemas comportamentais e de relacionamento apresentados por alunos,

A psicologia escolar vai se preocupar diretamente com a atuação do professor em sala e os resultados advindos dessa interação ou uma inter-relação professor/alunos/escola. A indisciplina é considerada um fator resultado dessa inter-relação. O que se observa é que no meio escolar, a indisciplina pode ocorrer em diferentes ambientes, desde o pátio ao corredor durante os intervalos e, propriamente no interior da sala de aula. Conforme explica Pimenta e Louzada (2012).

> Os professores consideram indisciplina quando não há participação na aula; quando o aluno não traz o material necessário; quando há conversas paralelas; quando o aluno usa boné ou equipamentos eletrônicos (principalmente o celular); ou ainda, considerado de forma mais grave quando há violência física, tráfico de drogas, furtos e porte de arma. Todas essas questões têm perturbado e muito a vida profissional e pessoal dos educadores (p.18).

Essa realidade indisciplinar gera preocupações aos responsáveis pela educação escolar e o que se observa no cotidiano escolar são estratégias ineficientes usadas pelos professores. É o que mostra o levantamento de dados realizado pela Organização dos Estados Ibero-americanos com cerca de 8,7 mil professores mostrando que 83% defendem medidas mais duras em relação ao comportamento dos alunos, sendo que 67% acredita que a expulsão é o melhor caminho e 52% acham que deveriam aumentar o policiamento nas escolas PIMENTA; LOUZADA, 2012, p. 19).

Além disso, essa realidade tem atingido níveis ineficientes na educação e promovido um aumento na agressividade e descontrole emocional tanto de professores como de alunos,

como podemos observar pelo relato de uma professora,

> Quando passo em frente a escola sinto repulsa - Eu que sempre fui apaixonada pelo magistério, perdi a batalha para a violência. Já fui xingada várias vezes de nomes que não merecia escutar, já me apontaram o dedo e ameaçaram para eu tomar cuidado na rua, com meu carro, com minha família. Quando eu virava de costas os alunos jogavam giz, lápis, o que tinha na mão. Quando encaminhava um aluno à direção por indisciplina, em poucos minutos ele voltava para a sala de aula dizendo que a diretora tinha autorizado, sem nenhuma advertência, sem nada. Certo dia, após bater o sinal do intervalo, saí da classe junto com os estudantes em direção a sala dos professores e acabei tomando um tapa na nuca. Nas condições que nos são dadas, os alunos fingem que aprendem, os professores fingem que ensinam e a direção finge que coordena (PIMENTA; LOUZADA, 2012, p. 22).

Partindo dessa realidade, Pimenta e Louzada (2012, p. 27) reforçam aspectos da indisciplina e indicam fatores importantes para a reflexão da sociedade "[...] a indisciplina deve ser interpretada, não como problema exclusivamente do aluno, por ser uma criança ou um adolescente rebelde, mas deve ser interpretada como algo que não está funcionando bem. Podendo ser fatores relacionados a família, ao professor, a organização da escola e à motivação do aluno".

Baseados nessa realidade educacional/escolar e, principalmente, de indisciplina afetando o processo do ensino e aprendizagem, além de provocar desajustes emocionais em todos os que estão ligados diretamente ou indiretamente, é que as preocupações se voltam para os aspectos afetivos nesse contexto. Sabendo-se que, a afetividade é uma expressão que pode ser positiva ou negativa, entretanto, ela está presente em todas as reações humanas e influenciando o sentir e o pensar. Brandão (2012) ao mencionar a afetividade cita Vygotsky,

> [...] a afetividade deve ser a base do processo educativo, o que torna ainda mais compreensível quando fala da motivação, pois, como assinala: todo conhecimento deve ser antecedido de uma sensação de sede [...] vontade, emoção e intelecto devem ser igualmente tratados como objetos da ação educativa. [...] Uma última reflexão que Vygotsky faz do papel da afetividade na práxis educativa é que ela pode se constituir num veículo poderoso de construção da autonomia, como também, de modo inverso, pode se converter em algo completamente estéril e insignificante (p. 152).

Supõe-se que a ausência da afetividade nas inter-relações professor/aluno, aluno/família ou traumas afetivos possam ser desencadeadores de reações indisciplinares no contexto educacional. Ressalta-se pela literatura a importância da afetividade para o ensino e aprendizagem, reforçadores do universo psíquico. Segundo Vygotsky 'as reações emocionais exercem uma influência mais substancial sobre todas as formas do nosso comportamento e os momentos do processo educativo' (BRANDÃO, 2012, p. 150).

Muitos trabalhos (GARCIA, 1999; SILVA, 2001; ALBUQUERQUE, 2011; PEREIRA; BLUM, 2014) buscam compreender as causas e soluções para a indisciplina, no entanto, poucos se propõem a refletir sobre a importância da afetividade como mediadora da expressão inconsciente do indivíduo e, possivelmente, implicada em uma resposta indisciplinar no contexto escolar. A investigação dessa problemática é do interesse de toda a sociedade, e, particularmente para o Curso de Psicologia,

principalmente por trazer subsídios psicológicos como ferramentas de pesquisa dessa temática.

De acordo com essas considerações objetivamos com o presente estudo estabelecer uma interface entre a afetividade e a indisciplina, a partir do olhar docente e do histórico dos alunos que apresentam comportamentos indisciplinares no contexto escolar.

METODOLOGIA

***Público Alvo*:** A pesquisa foi desenvolvida com 08 professores, de ambos os sexos, em uma escola pública de Ensino Médio, do interior do Estado de São Paulo. A escolha dos professores se deu de forma aleatória e os alunos foram apontados pelos professores, de acordo com sua visão de "indisciplina".

O estudo foi em nível exploratório, para a obtenção de dados (histórico dos indivíduos, estados afetivos pessoais, familiares, condições de vida e outros), necessários para o maior conhecimento desta problemática.

***Instrumentos*:** O método de pesquisa foi o qualitativo, cujo objetivo é exploratório, para compreender o universo desta temática. A expressão "pesquisa qualitativa" compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados (NEVES, 1996). Segundo Martins (2004) a pesquisa qualitativa é caracterizada pela heterodoxia, ou seja, se opõe aos padrões, normas ou dogmas estabelecidos no momento da análise e pelo exame intensivo das informações, possibilitando um caráter descritivo e narrativo dos resultados.

Inicialmente, os participantes foram informados sobre os objetivos desta pesquisa e sobre o sigilo em relação às informações e às suas identidades, após assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os procedimentos utilizados por este método foram entrevistas abertas com os professores, seguindo um roteiro de orientação, a fim de, em um primeiro momento, apreender o universo dos significados afetivos e de indisciplina para os docentes e suas relações afetivas no contexto da indisciplina escolar, pois influem várias condições psicológicas, ou seja, o estado afetivo mais estável, mais ou menos intenso e reativo em relação aos estímulos (como os sentimentos e as emoções). Esse tipo de análise corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos aos quais não podem ser reduzidos à operacionalização variável (SILVA, 2008).

A coleta de informações foi realizada por meio de entrevistas possibilitando um levantamento histórico dos alunos que apresentam problemas com a indisciplina e qual o olhar do professor diante da questão da afetividade e da indisciplina.

As entrevistas foram individuais e diretivas apresentando questões pertinentes ao tema e, solicitando, por exemplo, que dessem um juízo de valor sobre o fato de determinados alunos serem considerados indisciplinados e justificativas para sua resposta.

Todas as entrevistas foram gravadas, em seguida transcritas e organizadas de acordo com categorias para a análise. A categorização consiste na organização dos dados de forma que o pesquisador consiga tomar decisões e tirar conclusões a partir deles (GIL, 2002).

A observação dos alunos e professores foi realizada mediante gravação e anotações em caderno de campo, pertinentes às atitudes de ambos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização da população

A escolha dos sujeitos da pesquisa se deu aleatoriamente, respeitando aqueles que se dispuseram a participar. A entrevista foi realizada na sala da coordenação pedagógica, somente com a presença do professor e das alunas que realizaram a entrevista. O termo de consentimento foi assinado inicialmente e autorizaram a gravação da entrevista.

As características pessoais e demais informações referentes aos professores estão apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1 - Dados pessoais dos entrevistados

Professores	Idade	Sexo	Disciplina	Tempo de Magistério
01	34	M	Filosofia	12
02	37	F	Biologia	13
03	61	F	Matemática	40
04	44	F	Inglês	22
05	44	F	Química	15
06	42	M	Biologia	19
07	34	M	Física	06
08	32	M	Filosofia	11

FONTE: Dados da pesquisa elaborados pelo autor.

A coleta das informações da pesquisa teve início com as entrevistas abertas. Foi solicitado a cada professor seus dados pessoais e que apontasse um aluno que ele considerava indisciplinado, a partir daí apresentasse um histórico do aluno, detalhando aspectos familiares e em sala de aula que demonstrassem um comportamento indisciplinado e porque ela achava que o aluno era indisciplinado. Que perspectivas de futuro ele via para esse aluno. Além disso, foi solicitado que definisse Indisciplina e Afetividade e como isto se dá em sala de aula de acordo com a sua práxis educativa.

Seguem os relatos dos professores, de acordo com as questões direcionadas e, mantendo sigilo de suas identidades, por meio da utilização de nomes fictícios para os alunos citados.

Na perspectiva do professor em relação ao aluno destacamos abaixo alguns pontos principais.

A visão do aluno e seu histórico familiar

Nesta parte da análise foi possível observar pelo relato dos docentes entrevistados que o aluno indisciplinado é aquele que se mostra indiferente, não cumpre com suas obrigações escolares, não segue regras, é desatento, apresenta falta de postura, disperso, se recusa a fazer as atividades, que quer desestabilizar o professor. Essa visão do professor em relação ao aluno indisciplinado é geralmente vista dessa forma por uma grande maioria, o que nos mostra Pimenta e Louzada (2012)

> De modo geral, os professores consideram indisciplina quando não há participação na aula; quando o aluno não traz o material necessário; quando há conversas paralelas; quando o aluno usa boné ou equipamentos eletrônicos (principalmente o celular); ou ainda, considerado de forma mais grave quando há violência física, tráfico de drogas, furtos e porte de arma. Todas essas questões têm perturbado e muito a vida profissional e pessoal dos educadores (p. 18).

O professor, no ambiente escolar, se encontra com alunos em diversas situações sociais, familiares e afetivas, trazendo para esse meio sua educação, seus pensamentos, sua ideia de mundo e perspectivas de futuro. Daí a importância da observação das relações familiares desse jovem para então compreender como se dá o processo afetivo e a percepção deste pelo docente.

A família, assim como a escola, desempenham papel importante no desenvolvimento da criança e do jovem. Sendo a família o principal fio condutor a estimular o aprendizado. Sem uma família estruturada esse fio se rompe deixando o jovem em fase de formação sem base, sem esteio e sem condições para um bom aprendizado. O relato dos professores mostra o quanto os alunos apontados como indisciplinados tem ausência de figuras maternas e/ou paternas no seu ambiente familiar. Outros parentes, como exemplo tios e tias, por mais que se esforcem, não preenchem o espaço fundamental dos pais na afetividade.

> Não há como negar que as principais instituições socializadoras são as escolas e as famílias, sendo que a família é peça fundamental, uma vez que, quando a família apresenta-se desestruturada, o que é

> muito comum nos dias atuais, a consequência é de gerar alunos problemáticos para uma convivência social e escolar. É verdade que a família desestruturada cujos pais não educam e não ensinam, e transferem todas as responsabilidades para a escola, apresentam mais frequentemente crianças com problemas emocionais. Mas isso não é tudo (PIMENTA; LOUZADA, 2012, p. 27).

Essa desestruturação familiar afeta o aluno afetivamente que, consequentemente, se torna fragilizado e responde com inadequação aos estímulos propostos pelo professor em sala de aula. Daí a importância do docente conhecer o histórico familiar dos seus alunos e possibilitar meios de investigação e atendimento das condições afetivas envolvidas.

A forma do professor lidar com a indisciplina em sala de aula

Trabalhar a disciplina ou conter a indisciplina em sala de aula para que o ambiente escolar seja propício ao ensinar/aprender tem se mostrado um grande desafio aos docentes. Na entrevista, os professores apresentaram algumas estratégias utilizadas em suas aulas para lidar pedagogicamente com essas situações imprevisíveis e difíceis relacionadas à indisciplina. Tais como: conversar diretamente, em sala de aula, com o aluno ou por meio de tutorias. De forma mais intimidadora como "pegando no pé do aluno" e colocando na primeira carteira, agindo de forma mais ríspida, cobrando e dando "uma dura" nos alunos. Por meio de brincadeiras em sala de aula, usando a linguagem deles ou o mais frequente chamando para prestar a atenção. Em outras situações trazendo a responsabilidade para si, auxiliando o aluno na repetição das explicações ou mudando a forma de ensinar. Outros, porém, de forma mais enérgica mandando para a direção, gritando, se irritando porque o aluno lhe tira do sério ou mesmo ignorando-o e ficando bravo.

Quando se fala em trabalhar a indisciplina, formas, estratégias, pedagogia vem algumas questões, segundo Vasconcellos (2015).

> O que queremos? Para onde queremos ir? Com que tipo de disciplina sonhamos? Diante do quadro caótico, corremos o risco de começar a desejar uma disciplina passiva 'como antigamente' Seria esta a saída? No pólo oposto, podemos abrir mão de qualquer preocupação, procurando nos acostumar com o que está aí, numa postura de 'liberou geral' (p. 246).

Diante deste quadro de incertezas quanto a melhor postura a exercer, o que se observa é que o ambiente indisciplinar, com o tempo, acaba gerando sequências de desrespeito na relação entre professor e aluno,

> Sabemos que tudo isto é muito complicado porque é preciso considerar a situação concreta do professor. É necessário criar um clima de respeito também em relação a ele. Se o professor vem de uma sequência de desrespeito, fica difícil manter um relacionamento de respeito para com os alunos. Lembrando aquele velho chavão 'o professor deve vestir a camisa da escola', poderíamos completar insistindo que a escola/mantenedores devem 'vestir a pele do professor'. Deve-se, portanto, criar um clima de respeito em toda a escola (VASCONCELLOS, 2015, p. 246).

Ainda, qual a forma de se lidar com a indisciplina, como aproximar-se desse aluno e muitas outras questões perpassam o universo da prática educacional.

> A educação, para ser autêntica, precisa de direção, de orientação. Contudo, ao mesmo tempo, precisa de liberdade e de

> espontaneidade. O desafio é esse: quando estamos sendo 'porto seguro', temos de questionar: 'Até que ponto não deveríamos ser 'mar aberto', incentivar a participação do grupo?'. Quando estamos sendo 'mar aberto', precisamos manter a tensão: 'Até que ponto não teríamos de ser 'porto seguro', amarrar, sistematizar, intervir?'. Manter essa tensão interna é a arte do professor para enfrentar a questão da disciplina. Gostaríamos muito de que houvesse uma receitazinha assim: 50 gramas de tal e qual etc. Mas numa perspectiva dialética, não há. Ser dialético não é ficarem em cima do muro, nem é dar uma 'dura' e dar uma 'alisada'. Manter sempre essa tensão é o grande desafio de hoje, para que se possa administrar a disciplina na sala de aula (VASCONCELLOS, 2015, p. 247).

A sociedade exige também a disciplina e a autoridade do professor e nessa relação o professor se questiona sobre como utilizar a autoridade diante de um aluno indisciplinado.

> Sem autoridade não se faz educação; o aluno precisa dela, seja para se orientar, seja para poder opor-se (o conflito com a autoridade é normal, especialmente no adolescente), no processo de constituição de sua personalidade. O que se critica é o autoritarismo, que é a negação da verdadeira autoridade, pois se baseia na coisificação, na domesticação do outro (VASCONCELLOS, 2015, p. 248).

Esta autoridade é descrita como autoridade pedagógica e importante no contexto educacional.

> A autoridade pedagógica é uma prática complexa e contraditória, pois a autêntica autoridade leva em si sua negação, qual seja, a construção da autonomia do outro. Podemos compreender aqui **autoridade** no seu sentido mais radical e transformador, que é 'a capacidade de fazer o outro autor'. Em função disto, o professor deve viver esta eterna tensão entre a necessidade de dirigir, orientar, decidir, limitar e a necessidade de abrir, possibilitar, deixar correr, ouvir, acatar. Tal contradição é constante e não pode ser anulada, apenas resolvida em diferentes momentos, tendo em vista os objetivos do trabalho, sendo restabelecida logo em seguida em outro patamar e contexto. O drama 'é sempre este: ser o 'porto seguro' e o 'mar aberto'. É preciso que fique entendido, no entanto, que não se trata absolutamente de caminhar conforme 'os ventos sopram', de acordo com as pressões do ambiente (VASCONCELLOS, 2015, p.248).

Ao se perguntar como lidar com a indisciplina o professor também, em alguns momentos, transfere para a direção da escola a responsabilidade em resolver as questões com os alunos, que seria dele. A transferência delega essa autoridade.

> É comum ouvirmos dos professores a queixa de que a disciplina por parte da direção deveria ser mais rígida, mais severa. Isto revela o equívoco da postura de

> 'encaminhamento': 1. A transferência de responsabilidade (o professor não sabe o que fazer em sala, encaminha aluno esperando solução 'mágica'). 2. As diferentes visões (ex.: encaminha-se o aluno esperando-se uma coisa e acontece outra). 3. Os problemas de comunicação (ex.: encaminha-se o aluno e não se sabe o que aconteceu com ele). Por isto, seria importante não entrar na 'síndrome de encaminhamento': de que adianta o professor ficar encaminhando alunos 'problemas' para a orientação educacional, por exemplo, se o foco do conflito está em outro lugar? Os conflitos entre alunos e professores devem ser enfrentados, antes de mais nada, por eles próprios. Para isto, o professor deve ter condições de, por exemplo, entabular uma conversa mais particular com algum aluno, se as providências tomadas em sala de aula não foram suficientes para resolver o problema. [...] Muitos professores, para 'não perder tempo', acabam perdendo todo o tempo durante o ano, pois o tempo que o professor utiliza com estratégias de sobrevivência, quando não consegue equacionar adequadamente o problema da disciplina, chega a ser mais de 50% do tempo útil de aula (VASCONCELLOS, 2015, p. 249).

Nessa prática, se exige do aluno comportamentos vistos como os "adequados" para que se possa ensinar o conteúdo que se exige do professor. Alunos submissos e devoradores de conteúdo são "criados", para que possam responder satisfatoriamente bem diante de provas do Enem ou Saresp. Nesta linha de abordagem, observa-se que ainda se utilizam nas escolas o modelo tradicional travestido de atualizado. O histórico da educação mostra essa forma de condicionamento do aluno, apresentando uma formatação imposta pelo modelo educacional.

> [...] no início da escolarização são utilizadas o que chamamos de normas disciplinares, somente para tentar resolver problemas, pois a ênfase é dada aos resultados, e o que acaba se privilegiando em sala de aula é o silêncio, imobilidade e ordem. Infelizmente é esta a cena da realidade encontrada em muitas instituições escolares, o que vemos são esforços poupados com a finalidade de promover práticas de vivências democráticas entre alunos, pais e professores (KLERING; NORONHA, 2013, p. 27).

É importante ressaltar que os antigos métodos tradicionais que buscam a imobilização, o silêncio e ordem são discutidos por Foucault (1999, p. 73) afirmando que "muitas escolas tratam suas crianças como prisioneiras. As crianças sofrem uma infantilização que não é delas. [...] é verdade que as escolas se parecem um pouco com as prisões [...]". Klering e Noronha (2013, p. 27) afirmam também que "Em uma escola que adota modelos tradicionais de ensino o seu ambiente, a vigilância, as sanções, os encaminhamentos para obter aulas silenciosas com alunos imóveis ficam muito próximos aos métodos utilizados nas prisões".

Neste contexto indisciplinar Klering e Noronha (2013) também propõem mudanças para se chegar neste quadro.

> No ambiente escolar é preciso ser constante o avaliar, o construir, o reavaliar e o reconstruir as causas de indisciplina incutidas naquele espaço de tempo, este ciclo deve estar em constante desenvolvimento e

> aprimoramento nos processos disciplinares no ambiente escolar. É plausível observar a cultura que a escola possui, como seus alunos à veem, incentivar a formação dos professores, remanejar currículo e sua aplicação, rever os encaminhamentos que são feitos. Os laços pedagógicos que permeiam a indisciplina devem ter expressões avaliativas. É muito importante estar atento a todos os aspectos da escola que possam ser foco da indisciplina, e fazer constantes levantamentos avaliando as situações e providenciando encaminhamentos e capacitação necessária para o bom desempenho de todos os que integram a escola (p. 28).

Conceito de indisciplina para os professores

A partir da fala dos professores destacamos que a indisciplina é vista por eles de diferentes formas, tais como sendo uma parte da sua responsabilidade, em relação ao aluno o desinteresse, a falta de vontade, o empenho, a falta de obediência, o respeito. Ressaltam também o não prestar atenção e não fazer nada em sala de aula, o não ter garra, a apatia, não deixar o professor dar a aula, não levar seu material, fazer barulho, dormir na sala de aula, além de um comportamento extravagante, chamando a atenção dos alunos e atrapalhando a aula.

Pelos relatos descritos acima, podemos observar que para os professores, o conceito indisciplina é visto mais como uma conduta indisciplinar do aluno. Essa visão docente é ressaltada por alguns autores.

> [...] do ponto de vista dos professores, há semelhanças quanto à concepção de indisciplina e às condutas consideradas indisciplinadas. Muito do que o professor pensa a respeito de disciplina e indisciplina depende de como ele vê sua prática em sala de aula, do tipo de formação que recebeu, de suas experiências e de seu posicionamento frente à escola e à sociedade (PIROLLA, 2009, p. 26).

Os resultados das entrevistas apontam o quanto a indisciplina pode prejudicar o desenvolvimento das aulas e, consequentemente, a produção cognitiva dos alunos. Embora seja vista por diversos ângulos, como demonstrado nos relatos, não necessariamente uma indisciplina pautada por atos de violência, mas traduzida por comportamentos de negação da aula em si. O que não exclui a violência propriamente dita que ocorre em inúmeras escolas do país e, inclusive nos países de primeiro mundo a indisciplina enquanto "violência" tem sido alvo de discussões e debates.

> A violência tem incomodado os contextos escolares de outros países, abrangendo França, Canadá e Estados Unidos. Estudos revelam que o que está em risco na escola é sua função de socializar as novas gerações, pois a instituição escolar aparece enquanto *locus* de explosão de conflitos sociais, ao menos em vinte e três países, nos quais a violência na escola foi considerada um fenômeno de sociedade. Na França, esse fato é debatido há mais de vinte anos e algumas questões têm sido levantadas, entre elas aquelas que relacionam a violência com a exclusão social decorrente da escola, uma violência institucional e simbólica. No caso do Canadá, estão entre os fatores mais relevantes os individuais, aqueles que afetam a autoestima dos jovens, dos familiares e da própria escola. Nos Estados Unidos dentre os

> fatores julgados como responsáveis pelo aumento da violência nas escolas, inserem-se as mudanças nos padrões de família e na vida comunitária e a falta de espaço para a formação de laços sociais. O autor afirma que as experiências desses países indicam estratégias de reconhecimento da violência no espaço escolar como (SANTOS, 2001, p. 111).

Segundo Santos (2001, p. 116) esse resultado da violência indica "[...] um fenômeno social, no qual a violência surge como afirmação do silêncio, da clausura do gesto e da palavra, ou seja, a violência seria o discurso da recusa que nasce da palavra e do gesto emparedados, exigindo que se busque a compreensão das mensagens, estando elas implícitas nos atos de violência". Isso nos mostra que a indisciplina tem um alcance indiscutivelmente abrangente e atingindo índices preocupantes, o que torna o assunto merecedor de muitas discussões.

No Brasil, apesar da indisciplina ser objeto de crescente preocupação, esse tema ainda é superficialmente debatido. Além de mostrar a falta de clareza ou consenso em relação ao termo indisciplina, as análises expressam um discurso impregnado de dogmas e mitos do senso comum (PIROLLA, 2009, p. 23).

De acordo com os relatos obtidos dos professores a indisciplina é traduzida como um conjunto de comportamentos dos alunos.

> A indisciplina ainda é percebida por muitos como no passado, ou seja, o caos e a desordem. Em contrapartida, a disciplina é vista como a forma de manter a ordem e a autoridade. Ainda há professores que entendem a disciplina como adequação do comportamento do aluno da forma que o professor deseja, ou uma submissão do aluno ao registro escolar, apresentando um conceito relacionado à obediência (PIMENTA; LOUZADA, 2012, p. 20).

A indiferença em sala de aula foi um dos aspectos mais citados pelos docentes, ressaltando que não haviam agressões físicas na referida escola, mas que a indisciplina era observada de outras formas; uma delas era a indiferença. Alunos indiferentes, por que? O que leva um aluno a se distrair, a não se interessar por determinada aula ou a estar presente, mas com o pensamento longe? Essa indiferença tem sido alvo de estudo, segundo Pirolla (2009).

> Os comportamentos que mais são apontados pelos professores como indisciplinados incluem condutas e atitudes como agressão física (brigas e empurrões) e agressão verbal (xingamentos, ofensas e ameaças) entre os alunos. A indisciplina quando observada em tarefas de sala de aula, como exemplo a falta de atenção e de interesse, distração, não-participação e não execução de atividades entre alunos tem sido pouco discutida nas obras dos autores pesquisados (p. 22).

O que o professor entende por afetividade e como essa se dá em sala de aula

O significado da afetividade e sua expressão na sala de aula foram descritos pelos professores enquanto relações, sentimentos, proximidade e empatia. Que é importante provocar no aluno o desejo de construir seu futuro. Sem a afetividade não há relação, não há ser humano, não há busca por significados, sem sentimento não há desejo por aprender. Também significa ser melosa como os alunos, dar carinho, ser mãezona, querer bem e gostar de estar perto. Aquilo que afeta o professor e afeta o aluno, sendo sentimentos e sensações.

Essa definição de afetividade para os docentes recai em termos amplos e com significados diversos, embora usados pelo senso comum com o mesmo sentido. Berrios (2012, p. 143) apresenta um esclarecimento importante destes conceitos. Para o autor a Emoção e a paixão distinguem-se de humor, afeto e

sentimento. São definidos como estados sentimentais de curta duração , mais ou menos intensos, salientes e relacionados a um objeto reconhecível. Acrescenta também que humor, afeto, sentimentos, emoção, paixão, agitação e propensão têm variadas origens etimológicas e resultam de diferentes épocas históricas.

Esta compreensão do significado de emoção, paixão e afeto é importante para redimensionar os sentimentos. Wallon (1968), grande pesquisador da afetividade, propôs seis estágios do desenvolvimento da afetividade nas crianças, como sendo o impulsivo emocional de 0 a 1 ano, sensório-motor e projetivo de 1 a 3 anos, personalismo de 3 a 6 anos, categorial de 6 a 11 anos e puberdade e adolescência a partir dos 11 anos, o que ocasiona modificações corporais e também no sentir e agir.

Para Wallon (1968) "[...] afetividade designa os processos psíquicos que acompanham as manifestações orgânicas da emoção". Trata-se de "um processo que obriga a consciência a se voltar para as alterações intero e proprioceptivas que acompanham, e prejudicam a percepção do exterior" (DUARTE; GULASSA, 2010, p. 21).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi norteado pelas experiências cotidianas de professores em sala de aula e mostraram que a indisciplina se apresenta com diferentes nuanças, dependendo do professor e do comportamento do aluno em questão. Quando há a desvinculação do afeto do aprendizado, das relações humanas e com o professor que se encontra todos os dias com este aluno, torna-se mais distante o aprendizado. Os vínculos devem existir e quanto mais saudáveis entre ambos, professor e aluno, mais contribuirá para a aprendizagem. Nesta inter-relação segundo Castro e Costa (2012, p. 634), "o aluno precisa nutrir uma relação de confiança, respeito e admiração pelo professor, para depois constituir um ambiente afetuoso que leva a disciplina em sala de aula". Parrant-Dayan (2008, p. 27) destaca que: "se os alunos tiverem na frente da turma um adulto que os respeita, que os escuta, que os trata como pessoas que pensam e que têm o que dizer, e não apenas como alunos [...], situações angustiantes provavelmente, não ocorrerão".

A afetividade é fundamental, embora no dia-a-dia do trabalho cotidiano, tanto professor quanto aluno se esqueçam de nutrir esse relacionamento afetivo. Geralmente, tratando de forma automática, rígida e impondo regras para a obtenção de resultados.

Acredita-se que a afetividade exerça influência sobre o comportamento dos alunos, pois, uma relação professor/aluno baseada em sentimentos de confiança, respeito e admiração favorece o estabelecimento de um ambiente escolar afetuoso e, consequentemente, promove a disciplina em sala de aula (CASTRO; COSTA, 2012, p. 632).

A compreensão desta problemática indisciplinar diante do processo afetivo é extremamente importante por ser do interesse de toda a sociedade, e, particularmente para o curso de Psicologia, por trazer subsídios psicológicos como ferramentas de pesquisa dessa temática.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, L.P. **Indisciplina escolar**: um estudo sobre os sentidos e significados de professores e alunos. 2011. 182 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

BERRIOS, G. E. A psicopatologia da afetividade: aspectos conceituais e históricos**. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, p. 138-170, 2012.

BRANDÃO, I. R. **Afetividade e transformação social.** Sobral: Edições Universitárias, 2012.

CASSINS, A.M. et al. **Manual de psicologia escolar – educacional**. Curitiba: Unificado, 2007.

CASTRO, D.; COSTA, J. B. O. Afetividade e sua relação com a indisciplina em sala de aula na perspectiva docente. **Colloquium Humanarum,** v. 9, p. 632-640, 2012.

DUARTE, M. P.; GULASSA M. L. C. R. Estágio impulsivo emocional. In: MAHONEY, A. A; ALMEIDA, L. R. Wallon, H. (Orgs) Henri Wallon. **Psicologia e educação**. 9 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GARCIA, J. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista**

Paranaense de Desenvolvimento, 95, p. 101-108, 1999.
GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KLERING, J.; NORONHA, E. C. S. F. Indisciplina: conceitos, origens e o contexto. **Revista Articulando Saberes,** v. 1, n.1, p. 26-45, 2013.
MARTINS, H. T. T. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa,** São Paulo, v. 30, n. 2, maio/ago. 2004.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v.1, n. 3, 1996. Disponível em: http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf. Acesso em: 18 abr. 2015.

PARRANT-DAYAN, S. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.

PATIAS, N. D.; GABRIEL, M. R. **Psicologia escolar/educacional no Brasil**: como era e como é ou deve ser. 2012. Disponível em: http://www.psicologia.pt. Acesso em: 18 abr. 2015.

PEREIRA, A. I. B.; BLUM, V. L. Poder, resistência e indisciplina escolar: a perspectiva docente sobre os comportamentos transgressores dos alunos. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 23, n. 54, p. 739-757, set./dez. 2014.

PIMENTA, K. G.; LOUZADA, S. S. S. A indisciplina na percepção de educadores e algumas possibilidades. **Revista e-Ped,** Osório, v. 2, p. 18-29, 2012.

PIROLLA, S. M. F. **As marcas da indisciplina na escola**: caminhos e descaminhos das práticas pedagógicas. 2009. Tese (Doutorado) - Universidade Metodista de Piracicaba, Faculdade de Ciências Humanas, Piracicaba, 2009.

SANTOS, E. F.; GIROTTI, M. T. Indisciplina em sala de aula: o jogo como instrumento metodológico para uma possível solução de uma problemática. **Trilhas Pedagógicas**, v. 3, p. 119-142, 2013.

SANTOS, J. V. T. A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 105-122, jan./jun. 2001.

SILVA, A. S. J. **Afetividade e construção do conhecimento**: a produção textual como portadora de conteúdo. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2008.

SILVA, J.C. Indisciplina escolar: a queixa da atualidade 1. **Psicologia em Estudo**, v. 6, n. 1998, p. 97–98, jun. 2001.
VASCONCELLOS, C. S. **Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola**. Disponível em: http://www.celsovasconcellos.com.br/Textos/indi.pdf. Acesso em: 12 nov. 2015.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1968.

Recebido para publicação em: 21/06/2016
Revisado em: 06/07/2017
Aceito em: 17/08/2017